

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### APRESENTAÇÃO

Considerar a crítica de poesia portuguesa desde Fernando Pessoa numa perspectiva sistemática não parece uma empresa viável. São muitos os caminhos concorrentes. Corre-se o risco de oscilar entre a generalização e a arbitrariedade. Em uma época em que a experiência do sublime tende a desaparecer, destituída de um discurso logocêntrico hegemônico, que critério deve basear o juízo quanto ao que é ou não digno de ser valorizado? Se vivemos tempos prosaicos, nos quais o objeto artístico está irrevogavelmente destituído de sua aura e já não se sabe mais dizer para que, afinal, servem os poetas, haveria algum fundamento para a existência da própria crítica? A partir de que posição axiológica a crítica de poesia portuguesa contemporânea escreve? Como têm sido tratados temas como a permanência agônica da modernidade, a influência marcante do modernismo, a presença da revolução, o experimentalismo, o diálogo com a tradição?

O objetivo da chamada para este volume foi provocar leituras que valorizassem os caminhos concorrentes da poesia portuguesa moderna e contemporânea, questionando, relativizando, atualizando seus paradigmas de leitura, ou que também apresentassem uma proposta de revisão do cânone moderno e modernista. O número reúne dez artigos de autores de várias regiões do Brasil, atestando o diálogo acadêmico entre pesquisadores de diversas universidades brasileiras envolvidos com os estudos de poesia. É evidente a diversidade de poetas portugueses que comparecem ao longo dos ensaios, tais como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Sophia de Mello Breyner, Nuno Júdice, Herberto Helder, Filipa Leal, Al Berto, entre outros. Sendo assim, as diferentes proposições articuladas neste volume refletem também a pluralidade de leituras que vêm se constituindo em torno da poesia portuguesa moderna e contemporânea e parecem apontar para caminhos que ora enveredam por um viés mais filosófico, ora pelos dispositivos de circulação e recepção literárias.

Desse modo, o artigo de Ida Maria Santos Ferreira Alves, em “Revistas contemporâneas de poesia em Portugal: algumas cenas críticas”, apresenta trajetos portugueses de produção, circulação e recepção críticas de poesia na atualidade, a

partir das revistas *Relâmpago*, *Cão Celeste* e *Telhados de Vidro*. O artigo também busca dar relevo ao modo como cada uma dessas revistas elabora suas estratégias de partilha do trabalho poético e reflexivo, observando, além disso, o diálogo com a produção poética e ensaística brasileira sobre poesia contemporânea, no que se destaca a revista *Inimigo Rumor*.

No artigo “Quanto dói e o que constrói uma saudade”, Patrícia da Silva Cardoso parte de um ensaio de Eduardo Lourenço e outro de Nuno Júdice para revisitar o tema da saudade e o lugar que ele ocupa no imaginário cultural e literário português, apoiando-se nas múltiplas leituras que foram construídas, desde Fernão Lopes, em torno das figuras lendárias de Pedro e Inês de Castro.

Luis Maffei, em “Tateando poesia, hoje, estética, democracia: uma conversa com Sousa Dias”, apresenta esse pensador como um profícuo interlocutor para um assunto de primeira ordem no que diz respeito à poesia portuguesa contemporânea: a possibilidade de, no universo do que se convencionou chamar de poesia, serem desencadeados processos políticos de desierarquização e democracia, o que torna inevitável a reflexão entre estética e ética, e sobre o que Maffei chama de colonização conteudística em tempos de excessiva comunicação.

Já Cristian Pagoto e Rodrigo Vasconcelos Machado, em “Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen: a ‘epopeia do negativo’ versus a unidade”, buscam revelar os ecos de Pessoa na poética de Sophia, porém atentando para as divergências entre ambos, tais como o caráter de negatividade que envolve a poética pessoana e o compromisso do poeta com o mundo que determina toda a positividade presente na obra de Sophia.

Em “Talvez o mundo pare de acabar tão depressa’: sobre um poema de Filipa Leal”, Viviane Vasconcelos discute a presença da narratividade na poesia contemporânea a partir da leitura de um poema de Filipa Leal e de suas interlocuções com Mário de Sá-Carneiro e Herberto Helder. Segundo a autora, essa narratividade aparece atrelada ao ato de ouvir, o que indicaria uma possível vocação da poesia de transmitir, por meio da memória, a responsabilidade de falar ao outro.

A temática do tempo é discutida por Ivana Teixeira Figueiredo Gund em “Marcas do tempo na poesia de Nuno Júdice”. Nesse artigo, a autora ressalta as diferentes definições sobre o tempo, que ora apontam para a objetividade das horas, ora para a intangibilidade das sensações. Os cinco poemas selecionados pertencem ao livro *Meditação sobre ruínas* (1999), e a leitura proposta põe em evidência a relação de Júdice com o passado e o futuro, na forma da tradição herdada e de um porvir conturbado.

André Carneiro Ramos, em “Tenho febre e escrevo: tradição e ruptura na poética de Orpheu”, aborda o que, segundo ele, talvez funcione como uma espécie de relativização sobre as manifestações do Futurismo em Portugal: os poemas “Ode triunfal” e “Ao volante”, do heterônimo Álvaro de Campos. O seu objetivo é evidenciar a importância do Orphismo como a novidade que esboçaria vários dos elementos

que se tornariam cruciais para o estabelecimento da identidade cultural lusitana, desde o século XX até os dias de hoje.

Em “De Sines às tribos do néon: Al Berto e o fim do mundo”, Leonardo de Barros Sasaki demonstra o particular interesse do poeta Al Berto pela ambivalência das imagens de catástrofes, que atingem seu paroxismo na noção de fim do mundo. Sob essa perspectiva, o poema desse autor ora se reveste da voz apocalíptica anunciadora do medo e do pessimismo de um certo tempo, ora se afirma contra a desertificação dos afetos e em defesa da experiência particular dos sujeitos. Assim, transita-se de uma leitura coletiva e teleológica para uma espécie de escatologia íntima, percurso de naufrágios, pestes e desastres ambientais que atravessam a sua obra, recuperam e subvertem representações tradicionais do medo, colocando em xeque noções como as de progresso tecnológico, segurança e controle.

Francisco Fianco, em “Nietzsche e Fernando Pessoa: perspectivismo e heteronímia na (des)construção do sujeito”, a partir do subsídio de obras como Fernando Pessoa e Nietzsche: o pensamento da pluralidade (2011), de Nuno Ribeiro; Olhares europeus sobre Fernando Pessoa (2010), de Paulo Borges; e Pessoa e Nietzsche: subsídios para uma leitura intertextual (2005), de António Azevedo; propõe a possibilidade de interseção entre o pensamento de Nietzsche e a obra literária de Fernando Pessoa.

Por último, em “Photomaton & Vox: a construção da poética de Herberto Helder”, Gabriela Silva e Gustavo Melo Czekster tomam o livro *Photomaton & Vox* (1979) como uma espécie de princípio norteador da poesia herbertiana. O livro em questão reúne poemas, ensaios e textos poéticos em prosa, evidenciando uma ruptura entre os gêneros. Essa abertura, segundo os autores, dimensiona a poética de Herberto Helder como um todo, propiciando a desestabilização dos nomes e dos sentidos das coisas, uma das marcas de sua escrita.

Com este número da revista Terra Roxa e Outras Terras pretendemos discutir uma ampla gama de questões que atravessam o campo da poesia portuguesa moderna e contemporânea, trazendo contribuições originais que convidam os leitores à reflexão e que podem auxiliar alunos e professores em suas atividades de pesquisa e docência.

Silvio Cesar Alves (UEL)

Izabela Guimarães Guerra Leal (UFPA)

(responsáveis pelo volume)